

CI-CPRI



As elites querem viver em Democracia ou em Oligarquia?

Donald Trump chegou à Presidência dos EUA e o Brexit ganhou na Grã-Bretanha porque era essa a vontade da maioria dos eleitores que votaram. Foram duas vitórias do povo. A elite progressista lançou uma forte campanha contra estas candidaturas, rebaixando a inteligência dos seus simpatizantes; criticando os seus líderes de demagogia e populismo, mas as multidões apoiaram os tribunos da plebe que prometeram fazer o que elas queriam. A Democracia funcionou. Já era assim no tempo da República romana.

Os cidadãos que votaram neste sentido, apesar da imensa pressão que sofreram (dos meios de comunicação e dos políticos progressistas), insistiram em dar prioridade à paz e à segurança, contra terrorismos internacionais e criminalidade interna; à estabilidade no emprego e a nível de vida confortável, através da defesa das suas fronteiras para preservar as suas leis e o seu código de valores. Muitos dos que escolheram estas soluções são conservadores tradicionais que querem viver sossegados nas suas comunidades, que preferem o comércio internacional às guerras globais/regionais e que se protegem agora perante a hostilidade exterior. Se assim for, o discurso de mudança tem na génese uma vontade de regressar a um modelo anterior com o qual as populações se identificam (entretanto substituído por outro, sem regras, que gera o caos, a incerteza e o medo) e com soluções já testadas que, para eles, produzem melhores resultados líquidos.

Os dois episódios sucederam-se num curto espaço de tempo, pelo que só constituem surpresa para os indivíduos que professam ideologia diferente, que continuam abstraídos nos seus gabinetes ou desconhecem os seus conterrâneos. São fenómenos de grupo. São movimentos de cidadãos, mais talvez do que de partidos políticos ainda que estes tenham estado envolvidos, de tendência conservadora. Noutras épocas da História ocidental tivemos ondas noutra direção. A ilação a tirar é que não se deve governar contra a vontade da maioria atual; ou que pelo menos se deve negociar com ela uma transição paulatina e que a beneficie; caso contrário, mais cedo ou mais tarde, ela vai pronunciar-se – de uma forma pacífica (através do voto) ou violentamente.

Por exemplo, na União Europeia, sempre que as populações votam massivamente contra a vontade dos burocratas de Bruxelas, os Estados-membros, em que os resultados apurados contrariaram a vontade institucional, organizam novas eleições para que, após reflexão e intensa campanha mediática e política em sentido oposto, o produto final seja mais favorável aos interesses do bloco regional; mas que raramente salvaguardam as necessidades locais de cada país. Este tipo de comportamento empurra os cidadãos para a abstenção ou para o silêncio, depois gritado nas urnas.

O governo da elite chama-se Oligarquia, não é Democracia. Se o povo é esperto quando vota no que a elite quer e estúpido quando escolhe outra solução, então essa massa crítica talvez desejasse viver noutra regime político.